



OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

Nova literatura do século XXI

Viriato Soromenho-Marques dedicou a sua última crónica no JL ao romance *Ecologia*, de Joana Bértholo (JB), e fê-lo de um modo tão perfeito (o que é a ficção; a que tipo de ficção nos conduz *Ecologia*; acentuação de traços marcantes de um futuro de certo modo já presente; limites ideológicos de *Ecologia* entre as recentes teorias da utopia e distopia...) que nos abstermos de aqui repetir o que já foi dito de uma maneira excelente. Exploraremos, portanto, a ligação de continuidade de *Ecologia* aos restantes romances da autora, bem como o seu estilo.

Como escrevemos na recensão a *Inventário do Pó* (2015), em JB, sob um manto de palavras abstratas e descrições eruditas, pulsa um efetivo desejo de desconstrução que finda por subverter escrita, forma e estilo: a escrita, conjunto de paradoxos que desafia o senso comum social e literário, é subvertida por via de novas ou inusitadas construções fráscas e afinidades semânticas entre as palavras, espantando o leitor, que lhes adere ou repulsa; desde *Diálogos para o Fim do Mundo* (2010, Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho), a *Havia* (2012) e a *O Lago Averso. Uma Hipótese Biográfica* (2013), a estrutura dos seus livros é não só inédita mas, sobretudo, totalmente inédita, desobedecendo à cronologia clássica, minimizando o espaço como uma das categorias literárias principais, explorando o tema, na maioria das vezes, através de paradoxos, alguns deles fundados numa lógica do absurdo (não da redução ao absurdo).

O absurdo não é aqui um método, um fim ou uma corrente literária, ele possui, em JB, o peso ontológico de ostentação do movimento inesperado do mundo; por via da criação de novas e singulares estruturas narrativas, todas diferentes segundo cada um dos seus livros, o estilo vive de um equilíbrio entre a descrição realista, a exploração psicológica, a utilização de símbolos e a fusão (também ela paradoxal e absurda) de tudo em tudo, isto é, de todas as formas de registo escrito, como se o romance fosse um vasto laboratório de experimentação de ideias pelo qual, provocando e rompendo as rotinas do mundo, este se desse a conhecer de um modo mais explícito, menos velado. O absurdo tem esta virtude: desvelar e de certo modo satirizar o que parece ser uma inevitabilidade social e ontológica, um pouco ao modo do teatro de Beckett.

Neste sentido, com Patrícia Portela, Afonso Cruz, Sandro William Junqueira e Gonçalo M. Tavares - e, na exploração do tema do corpo, o teatro de Cláudia Lucas Chéu -, JB ostenta uma literatura nova, é exemplo de uma nova dobra no panorama da literatura portuguesa contemporânea. Estes autores não escrevem sobre Vasco da Gama e Camões, D. Sebastião e Nossa Senhora de Fátima, a Guerra Colonial, os sonhos do 25 de Abril e a Democracia, a queda do Império, a relação entre Portugal e a Europa, a desigualdade social, nem sequer escrevem sobre Portugal. Concretamente, escreve sobre os processos pelos quais é possível a unidade brotar da multiplicidade, não segundo uma lógica dedutiva ou uma lógica dialética, antes segundo uma lógica paradoxal; de como é possível construir desconstruindo; como fragmentariamente, ao modo caleidoscópico, se atinge a visão de um todo; de como, leibnizianamente falando, o interior mental de uma mónada (a mente e a imaginação da autora) reflete o universo material e social por inteiro ("Tudo toca-tudo, o tempo-todo", p. 479) - a mónada, aqui, em *Ecologia*, chama-se justamente "paisagem



LUIZ BARBA

Joana Bértholo

digital", como adverte Viriato Soromenho-Marques, e corre o risco de ser absorvida pela submissão às regras imperiais do mercado económico. Neste sentido, e como é habitual nos seus romances, "ecologia" não se refere diretamente à ciência que estuda o meio ambiente e as suas harmonias. Lendo o romance, o leitor compreenderá.

Neste sentido, os títulos dos capítulos e subcapítulos são exemplares da escrita de JB. E a ideia central é magnífica: num mundo dominado pela tagarelice (a fala sobre o insignificante, o inautêntico, segundo Heidegger), uma empresa mundial constrói algoritmos que permitem taxar a voz humana. Cada palavra proferida passa a ser paga segundo uma tabela mundial e as particularidades de cada idioma. Porém, contra o domínio do "fala-barato" e da fala paga, nasce o Vale do Silêncio, "uma nova sociedade. A sua característica principal seria, por contraste à cacofónica, um voto de silêncio" (p. 444). Um dos critérios principais para os habitantes do Vale do Silêncio seria - "Se a palavra que vais pronunciar não for mais bela do que o silêncio, então não a digas" (p. 445). Porém, a utopia do silêncio é destruída pela distopia da privatização da fala, primeiro passo para a instalação de uma PPP universal: "O Plano de Privatização do Pensamento", possivelmente o próximo romance da autora.

Ainda não há dez anos que Joana Bértholo publicou o primeiro dos seus vários romances e nenhum deles parece ter sido bafejado pelo sucesso editorial. Não é de admirar: os seus livros oferecem ao leitor mundos literários novos que, de certo modo, contradizem o senso comum institucionalizado, possuem inúmeras referências (subtextos) estéticas ao nível autoral e temático difíceis de compreender na totalidade, exploram e cruzam diferentes ramos de conhecimentos, ciência, arte, filosofia, tecnologia, mitologia, religião. Em arte, tudo o que é novo, transgressor da mentalidade institucionalizada, custa a impor-se, sobretudo fica sempre longe do sucesso das multidões. ■



► Joana Bértholo
ECOLOGIA

Editorial Caminho, 500 pp.,
23,90 euros